

PODER

Críticas à gestão da pandemia

Ex-senadora reprovou atuação dos governos federal e estaduais e diz que Brasil deveria ter se saído melhor porque tem o SUS

» ANA MARIA CAMPOS
» THAYS MARTINS

Apesar de ainda não ter definido quem a Rede Sustentabilidade apoiará ou se entrará com candidato próprio nas eleições presidenciais do ano que vem, a ex-senadora e porta-voz nacional do partido, Heloísa Helena (AL), disse que o trabalho a ser desenvolvido daqui para a frente é o de reconstrução do país no pós-pandemia. Em entrevista ao **Correio**, ontem, a ex-parlamentar não poupou críticas à gestão da crise sanitária por parte dos governos federal e estaduais. Ela também afirmou que o foco da sigla serão as eleições para a Câmara.

Epidemiologista, Heloísa Helena classificou como um sucesso o resultado da CPI da Covid, no Senado. Como assistente parlamentar, ela atuou ao lado do vice-presidente da comissão, senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP). "Achei que foi muito importante. Ajudei o Randolfe, mas, talvez, ele nem precisasse de ajuda. Eu ajudava mais porque é minha área", explicou.

Heloísa Helena disse ter sido muito doloroso assistir a tudo que aconteceu na pandemia, sabendo do aparato que o Brasil tem com o Sistema Único de Saúde (SUS). "Nós sofremos infinitamente mais, porque é como se tivéssemos ido para um campo de batalha. Você tinha toda uma atenção básica disponível, endereço de toda a população vulnerável, das pessoas com comorbidade, pessoas capacitadas. Não tenho nenhuma dúvida de que poderíamos ter sido melhor."

Para ela, grandes erros foram cometidos ao transformar a

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



A ex-senadora Heloísa Helena, sobre a crise sanitária: "Não tenho nenhuma dúvida de que poderíamos ter sido melhor"

gestão da pandemia em uma disputa política. "A dor no coração da mãe que perde um filho é a mesma independentemente de onde morre, mas é muito diferente voçê morrer em uma UTI com um respirador do que em uma enfermaria lotada. É criminoso o que aconteceu", frisou.

A reconstrução do país no pós-pandemia é o que tem pautado o debate do partido na atualização

de seu programa, que deve ficar pronto em janeiro. De acordo com Heloísa Helena, só depois disso é que a legenda definirá se entrará com uma candidatura própria à Presidência da República ou apoiará algum outro candidato.

Por enquanto, ela destacou que a pré-candidatura mais alinhada aos ideais da Rede é a do ex-ministro Ciro Gomes (PDT). "Ele tem conversado conosco,

mas não tem nada decidido. Foi a única candidatura que nos chamou para conversar e a única que apresentou propostas concretas e objetivas sobre questões econômicas", comentou.

Foco

Apesar disso, a ex-senadora afirmou que o foco do partido será romper a cláusula de barreira

— o dispositivo impede a atuação parlamentar de uma legenda que não consegue alcançar um determinado percentual de votos. Assim, todo o investimento será nas candidaturas para deputados federais. "A gente compreende que a única forma de mudar o mundo é nas instâncias de decisão política e nos espaços de poder, então, eu entendo que todas as pessoas da Rede que puderem

» Julgamento suspenso

O ministro Kassio Nunes Marques, do Supremo Tribunal Federal (STF), pediu vista e suspendeu o julgamento na Segunda Turma que vai decidir se a Polícia Federal poderia ter aberto investigação sobre o suposto vazamento de documentos sigilosos obtidos pela CPI da Covid. Até o momento, o placar está empatado. O ministro Edson Fachin, relator do caso, votou pela rejeição do habeas corpus movido pela cúpula da CPI contra a investigação. Na avaliação dele, a PF seguiu todos os procedimentos ao instaurar a apuração preliminar. O voto divergente foi de Gilmar Mendes, para quem a PF não poderia ter iniciado as apurações envolvendo autoridades com foro sem comunicar ao STF e à Procuradoria-Geral da República. Ricardo Lewandowski ainda não votou no caso.

ser candidatas têm de apresentar o nome para candidaturas de deputados federais", defendeu.

Ela mesma não descarta ser candidata, assim como a ex-ministra Marina Silva. Porém, os dois únicos nomes dados como certos para candidaturas são aos governos do Amapá, com Randolfe Rodrigues, e do Espírito Santo, com o ex-prefeito de Serra Auditax Barcelos.

Bolsonaro comemorou a soltura de Lula, diz Moro

» INGRID SOARES

O ex-ministro da Justiça Sérgio Moro (Podemos), pré-candidato ao Planalto nas eleições do ano que vem, afirmou, ontem, que o presidente Jair Bolsonaro (PL) comemorou, em 2019, ao saber que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) foi solto. Isso porque, na avaliação do chefe do Executivo, o fato ajudaria a manter a polarização nas eleições de 2022.

"O que a gente sabia é que o Planalto, o presidente, comemorou quando o Lula foi solto, em 2019, porque ele entendia que aquilo o beneficiava literalmente. Então, ele não trabalhou para manter a execução em segunda instância", declarou, ontem, em entrevista à *Rádio Jovem Pan Paraná*. Ainda segundo Moro, o chefe do Executivo não tentou reverter a decisão.

Alvo da Operação Lava-Jato, conduzida por Moro, o petista ficou preso 580 dias e foi solto após o Supremo Tribunal Federal (STF) derubar a possibilidade de prisão de

Evaristo Sa/AFP



O presidente comemorou quando o Lula foi solto, em 2019, porque ele entendia que aquilo o beneficiava"

Sérgio Moro, pré-candidato ao Planalto

condenados em segunda instância.

Em abril deste ano, o STF anulou, por oito votos a três, as condenações de Lula no âmbito da Operação Lava-Jato, o que permitiu ao petista recuperar o direito de se candidatar nas eleições de 2022. A maioria da Corte concluiu que a Vara Federal de Curitiba, da qual Moro era juiz, não tinha competência para julgar os casos envolvendo o ex-presidente.

Em 23 de junho último, o plenário do STF concluiu julgamento em que, por sete votos a quatro, declarou a suspeição de Moro ao condenar Lula no caso do

triplex do Guarujá (SP). No dia seguinte, a suspeição foi estendida a todos os processos envolvendo o petista. Os casos, portanto, voltaram à estaca zero.

Sabotagem

Também na entrevista de ontem, Moro relatou que Bolsonaro "sabotou" o trabalho dele à frente do Ministério da Justiça e Segurança Pública e que não cumpriu a promessa de que o combate à corrupção atingiria a todos, sem distinção a membros do governo. "Ele não fez nada disso. Ao

contrário, começou a sabotar o que eu fazia. Até que chegou a um momento em que eu, simplesmente, saí (do ministério)", concluiu.

O ex-juiz deixou a pasta em abril de 2020 e acusou Bolsonaro de tentar interferir na Polícia Federal para proteger familiares e aliados. No último dia 3, o presidente prestou depoimento à PF no inquérito aberto para apurar a denúncia.

Agora desafeto de Bolsonaro, Moro tenta ser o nome da terceira via, uma alternativa à polarização Bolsonaro-Lula. O petista, por sinal, lidera todas as pesquisas de intenção de voto.

ACM Neto manda recado ao presidente

O ex-prefeito de Salvador ACM Neto (DEM) afirmou que "alguém de fora não vai resolver a eleição da Bahia". Foi uma resposta do pré-candidato ao governo baiano em 2022 ao ser questionado sobre a candidatura do ministro da Cidadania, João Roma, ao governo estadual, com apoio do presidente Jair Bolsonaro.

ACM Neto, que lançou a pré-candidatura, ontem, num evento em Salvador, evitou citar Roma nominalmente, mas disse que não precisará recorrer à bênção de um candidato à Presidência para concorrer em 2022.

"Lamento que algumas pessoas na política subestime a inteligência do eleitor baiano e fiquem com a cabeça no passado, de achar que alguém vai vir de fora e resolver a eleição na Bahia. Isso vale para Bolsonaro, Lula, qualquer um", declarou.

De acordo com ele, "talvez quem não tenha um discurso forte como o nosso, com poder de mobilização como o nosso, precise recorrer a isso, achando que vai vir alguém de fora e vai resolver a eleição".

Até fevereiro deste ano, Roma era um dos homens de confiança de ACM Neto, mas se tornou desafeto do ex-prefeito ao aceitar o convite de Bolsonaro para assumir o Ministério da Cidadania, a contragosto do seu padrinho político.

Na oficialização da candidatura de ACM Neto estavam políticos de todo o estado e membros do futuro União Brasil, que se formará a partir da fusão do DEM e do PSL. Pelo DEM, estiveram o governador de Goiás Ronaldo Caiado e o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta. Presidente do PSL, Luciano Bivar representou a sigla.

Nenhuma das lideranças do União Brasil assegurou apoio a algum candidato para a eleição presidencial em 2022. Bivar desconversou sobre a possibilidade de que Mandetta seja o nome do partido para a disputa. Caiado disse que o partido ainda está "em momento de consolidação" e que o nome virá depois de janeiro. Membros projetam para fevereiro a finalização dos trâmites para a formalização do partido.

Mesmo com a pandemia, o GDF não parou.

Túnel de Taguatinga

